

Fernando Jorge Costa Paulino

Título:

A Casa Amarela

Texto:

1

Todos os dias olho o rio, as palavras azuis
são ainda navegáveis.

Trabalho as palavras luminosas, as que brilham
sobre as águas dos dias, algumas serão barcos
capazes de navegar na lonjura do azul,
outras serão casas, náufragas de um chão,
mas terão sempre o perfume e as lágrimas
da maresia.

Preparo assim o caminho antes de me perder,
da janela onde rescrevo o lugar do olhar,
a vida ainda se pode salvar, em jangadas
de livros já lidos, com páginas de poesia.

2

Dos céus crescia o chão, deste nasciam
as árvores e destas os rios dos livros
que enchiam as estantes espalhadas pela casa.
Poemas e mais poemas, milhares de páginas
de poesia com aves no rosto e mundos nas mãos.

Nessas manhãs em que esperava as palavras
andava diferente, murmurava coisas sem nexo
numa voz distante, numa voz abafada.
Perdido pela casa procurava o longo abraço
da luz que entrava pelas janelas, a paixão
que vinha no vento e espalhava sementes.

3

Quando começou a amanhecer eu andava
ainda perdido pela casa, ainda ouvia
a tua voz clara a flutuar entre a memória
das paredes.

Quando começou a amanhecer o silêncio
tinha o teu nome, ainda que este fosse só
um sinal nas minhas mãos.

O verniz do piano lembrava-me as tuas unhas,
um verniz azul como o rio, nas tuas mãos
onduladas, nas tuas mãos navegáveis.
No verniz dos dias, os lugares que para nós
foram novos, feitos para começar de novo.

4

Cada poema era ainda uma viagem ao coração.
O sabor dos versos não escondia a saudade
debaixo do tempo. O amor teve a duração
de uma vida e prolongava o tempo da vida.

Os dias regeneravam a esperança, respiravam
a liberdade das páginas com poemas audazes.
Quando voltou a amanhecer eu ouvia
ainda as músicas que cantavas pela casa,
porque só assim os dias faziam sentido.

5

Abro o mapa da casa sobre o rio, procuro
um azul marginal, um outro lado
onde arrumar os instantes da vida.
Regresso ao ponto de partida, ao centro
nervoso do tempo, à consciência de recriar
o mundo da escrita.

Estou recetivo à confissão das palavras,
reencontro o silêncio na casa, onde o vento
aberto do poema destapa as vagas que engolem
os navios no registo da luz.
A tua partida enrolou a poesia em papel
de jornal, poemas que agora sujam os dedos,
longas impressões quase que digitais.

6

Não há margens nas velas do sonho,
barcos de papel levam-nos pelos rios
da nossa imaginação.
Na casa do poema a janela do olhar
aberta aos ventos da manhã.
Os poemas são casas habitáveis crescendo
no ímpeto do seu rio.

Mar de aproximações ao mundo os recantos
da casa, a mesa do poeta coberta de livros
e folhas soltas, o vidro da janela salpicado
de incertos aguaceiros. Lá fora o vento frio.
Mais frio o mundo a lutar pelos homens.

7

A cidade vive o coração da páscoa,
escrevo para habitar a esperança.
Os poemas são mais claros quando
a manhã se reflete no rio, a luz
dentro das palavras. Os poemas
a procurar dar sentido aos dias.

Um barco de papel a desejar navegar
no rio, a casa a entrar na minha solidão,
a tua ausência a fazer-se sentir, a pesar
no silêncio do frio.

8

Nessa tarde não me apetecia falar com ninguém,
na claridade da página algumas palavras
esquecidas das horas iluminavam a alma,
as mãos a procurarem abrigo para a saudade
os braços estendidos, cravados no desejo
de te voltarem a abraçar.

Ainda assim uma pequena luz percorria-me
as veias, escondendo-se na sombra do olhar,
era ainda breve a intimidade da poesia.

9

Aquela manhã era diferente das outras,
era uma manhã de janelas abertas, a serra
perfumada a lavar a mágoa deste poeta.
Feitos de tempo e palavras inacabadas
os meus olhos voavam com as aves, as asas
a abrir o redondo do sol.

Naquela manhã regressaste a casa
como se nunca tivesses estado ausente,
como se tivesses apenas ido ver o mar.
Abri uma garrafa de vinho e brindámos
ao rio do tempo que atravessava ainda
a geografia do nosso silêncio.

10

O vento sopra a nosso favor nesta viagem,
a casa é uma ancora que nos prende a nós,
não podemos ter medo de sermos felizes.
Os abismos, tal como os poemas, também
são habitáveis.

Deixamos de planear os dias, brindamos

aos nossos amigos, às promessas por cumprir,
às memórias feridas, a tudo o que perdemos,
brindamos a tudo o que ainda temos.
Azul é sempre que um rio aflui ao coração.

11

Do outro lado da casa o musgo adapta-se
às paredes, é uma cicatriz que nos abraça.
Movem-se os olhos vencidos pelas novas
palavras da escrita.
Todas as margens começam e terminam
no rio, numa cidade à beira de um poema.

São as ondas que nos procuram, estamos
deitados na areia, esperamos a espuma
branca dos dias que nos há de trazer
a sua fresca alegria.
No deserto da poesia, no sal das manhãs,
a nossa casa é um rio azul.

12

Perdemo-nos nas coisas simples: nos olhos
iluminados de histórias por contar, nos beijos
sonhados do mar.
Brincamos com barcos de papel, as palavras
lentas, esquecidas na ondulação da casa.

Temos sempre um poema por escrever, uma luz
na tormenta. Moramos na noite, perdidos nas
sombrias, os nossos rostos no rosto do poema,
ainda temos forças para reencontrar o tempo.
Amanhã vamos arrumar versos em gavetas
e criar mundos novos onde as palavras
nunca entristeçam.

13

Dentro da casa a noite empresta-nos o seu dia,
as palavras nascem da ansiedade e de algumas
sílabas para vencer o medo.
Os sonhos constroem-se de casas, de portas abertas
ao mar, de janelas de espanto e corações de sal.

Perseguiamos a esperança num verso, o rio da escrita
soletrado no curso migratório do teu olhar.

A vida como o mar a mudar de marés, a enrolar
o amor onda a onda, a prolongar o nosso tempo.

14

Bandos de palavras voltam aos lugares da casa
viajam nas asas dos versos, poisam nos beirais
do peito e desatam nós, nomeiam o poema
e o poeta.

Misturamos na página: um veleiro sonolento,
uma força que nos ata ao leme, uma âncora
para as palavras.

Damos abrigo ao fogo, do sangue as respostas
para o sal, no mar o renascer ardente do luar.
A noite iluminada na luz branca de um verso,
registamos na alma o lento respirar da terra.

15

O poema tem de navegar, tem de rasgar o azul,
pode ser barco ou asa, pode ser vela ou voo,
pode ser ponte ou casa.

As nossas palavras são um rio que amanhece,
queremos apagar os velhos destinos, lançar
versos perfeitos no esquecimento do vento.

O nosso mundo a voltar devagar, a anoitecer
na ternura do teu olhar, a repetir as sílabas
imperfeitas do nosso amor.

O nosso mundo com lábios de espuma, a nascer
das águas entre a caligrafia do mar.

16

Passamos a manhã a descobrir a vida,
tudo são sonhos sobre o papel branco,
a teu lado sigo no reencontro do coração.
Pergunto-me se estás feliz, se ainda acreditas
na poesia, se presentes o caminho das palavras.

Vejo no teu rosto o mar, as ondas de menina
a cada novo sorriso, o vento de sempre inventar.
Oíço o teu nome em cada travessa, o bater dos
versos a cada porta.
Ancoro no teu olhar, líquido como o rio.

17

Encomendámos uma manhã de verão
propícia ao esquecimento.
Caminhamos pela vazante do rio
afogando as mãos na rotina branca das ondas.
A tudo o que sentíamos regressámos:
à esperança, ao corpo, às palavras.

Na claridade desse dia, decidimos resgatar
alguns sonhos, reencontrar a liberdade,
prolongar o nosso tempo.
Entre o que queremos esquecer estão algumas
sombrias. Entre o que queremos salvar
está a alma e a coragem do teu olhar.
Ainda é cedo para acordar os nenúfares.

18

As nossas palavras viajam pelos lugares
do coração, tentamos devolver as nascentes
à substância da fala.
Tentamos adaptar-nos ao deslumbramento,
reaprender a esvoaçar nos ventos do espanto,
trocar os abraços da casa pelo vagar dos navios,
amarar na reconstrução do nosso amor ao mar.

Os sonhos adormecem no poema, nas palavras
que criam suaves incertezas, nos livros cheios
do sol do teu nome.
Já é tarde, para naufragar na poesia.

19

O poema é este navegar nas páginas iluminadas
do rio, escolher a cor das palavras que fazem
cada madrugada, as letras que nos unem ao azul.
O leme dos dias nas tuas mãos serenas, a curar
a saudade que deixou à deriva o coração.

A poesia a criar um diálogo com a vida, a unir
versos no teu olhar, a interrogar a ternura
no mapa que trazes no rosto, a abraçar
as nossas histórias da casa amarela.

20

Hoje já cansados de tantos degraus, acabamos
o dia como o começámos... a olhar o mar.
A vida nas asas adormecidas no azul.
O mundo precisa de mais sol e menos palavras,
o coração não pergunta porque bate, não sabe

porque ama, não trabalha para versar.

É a palavra que edifica a casa, sílaba a sílaba,
para depois a habitar.

Nesse dia, não havia vento para amar e tudo
nos parecia lento: o sopro dos musgos,
a linguagem da pele, o desenrolar das conversas.

21

Continuamos a escrever a arquitetura da casa.

A erguer questões, a derrubar certezas,
a transformar os dias, a assentar a palavra
primeira como se fosse pedra.

Continuamos a desenhar cada curva do poema
como se fosse o último.

A poesia é uma espécie de casa, amanhã
podemos fechar a porta, meter os sonhos
numa mala e partir, podemos meter a poesia
noutra mala e emigrar.

As nossas palavras poderão deixar de morar
nesta casa, e até a casa deixar de ser amarela.